

2017



BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda
Naiara Carvalho
Gerência de Operações e Planejamento
Dezembro - 2017



1 - Cenário Econômico

O mercado global segue inquieto, dado que a Coreia do Norte continua com seus testes de mísseis balísticos. Outro fator que vem gerando desassossego em meio aos investidores é a aprovação da Reforma Tributária nos EUA, isto porque há aqueles que alegam que tal Reforma tende a aumentar a distância entre ricos e pobres no país, além de elevar a dívida pública. Todavia, outros argumentam que a redução da carga tributária aumentará a capacidade produtiva das empresas, sendo assim, benéfico ao crescimento econômico norte-americano.

Na seara macroeconômica dos EUA, o mercado de trabalho apresenta números comumente associados a uma economia estável. Segundo o Departamento de Trabalho dos EUA, o índice de desemprego do país em novembro manteve-se inalterado em 4,1%, reiterando a avaliação de que o país encontra-se em níveis próximos ao pleno emprego. Outro ponto positivo está atrelado à criação de postos de trabalho no mês citado, ao passo que eram esperadas 200 mil vagas quando na verdade foram obtidas 228 mil.

Quanto à solicitação de seguro desemprego, pode-se dizer que houve repercussão negativa na semana encerrada em 22 de dezembro, visto que foram solicitados 245 mil requisições do benefício, quando o mercado aguardava 240 mil solicitações. Já o PMI também, desapontou o mercado: o indicador registrou no mês em análise 58,2 pontos frente aos 58,7 no mês anterior.

No outro lado do Atlântico, as incertezas quanto ao Brexit (saída do Reino Unido da União Europeia) continuam no radar do mercado, uma vez que há impasses em suas negociações. No campo econômico, mais uma vez o Banco Central Europeu optou por deixar inalterada a taxa de juros oficial em 0,00% (menor patamar histórico), a fim de convergir à inflação da região à meta estipulada pelas autoridades de 2%.

Quanto aos dados econômicos europeus, a visão dos analistas é positiva. A taxa de desemprego de outubro caiu 0,1% na comparação com o mês anterior, alcançando o valor de 8,8%. A inflação dos dezenove países que compartilham o Euro manteve-se inalterada em 1,5% na confrontação de novembro com outubro. Quanto à indústria, o PMI da Zona do Euro apontou avanço em 0,5 pontos no mesmo período em questão, totalizando 60,6 pontos, o que configura expansão da atividade industrial.

Direcionando a análise para a Ásia, pode-se ressaltar que a segunda maior economia mundial, a China, apontou avanço em novembro quanto ao seu Índice Geral de Compras (PMI). Tal índice registrou 51,8 pontos no mês observado, ante 51,6 em outubro. A leitura que se faz diante de tal número é de crescimento da atividade industrial chinesa, posto que o indicador estabeleceu-se acima dos 50 pontos, o que significa expansão da atividade industrial. Vale ressaltar ainda, que a

balança comercial chinesa obteve ganhos no mês de novembro em relação a outubro, configurando um superávit comercial na ordem de 40,2 bilhões de Dólares no mês em questão.

Em última instância, o cenário inflacionário brasileiro para o ano de 2017 segue com tom otimista, posto que os indicadores mensais de preços registraram números satisfatórios: o IPCA, o IGP-DI e o INPC, apresentaram, respectivamente, modestos avanços de 0,28% e 0,80% e 0,18%. Assim, tais fatos favoreceram para a continuidade nos cortes da taxa de juros Selic, que foi reduzida em 0,5 pontos base pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), ficando em 7% a.a. No entanto, o adiamento da votação da Reforma da Previdência para o início de 2018, gerou certa insegurança no mercado, visto que tal reforma é tida como fundamental para o reequilíbrio das finanças públicas do país.

Dessa forma, apesar dos fatores internacionais citados, a economia nacional continua sendo mais influenciada via elementos internos. Embora haja melhora quanto à inflação doméstica, a não aprovação da Reforma da Previdência, neste ano, vem gerando ceticismo entre os agentes de mercado, haja vista que há possibilidade do rebaixamento do *rating* do Brasil pelas agências classificadoras de risco.

2 - Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de novembro de 2017 um valor mínimo de US\$ 57,37, máximo de US\$ 64,27 e média de US\$ 61,56, representando um acréscimo de 7% em relação ao mês de outubro. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US\$ 57,00 para 2018. Em comparação ao relatório anterior, houve aumento de US\$ 1,00 na expectativa do preço.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto recuaram em torno de 4,6 milhões de barris na semana encerrada em 22 de dezembro. Tal número foi acima da expectativa do mercado, cuja previsão era de queda em torno de 3,9 milhões de barris, no período observado.

O gráfico 1, mostra a queda intensa no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de janeiro de 2016 o preço chegou ao valor mínimo diário de US\$ 26,01, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência gradual de melhora. Já o gráfico 2, evidencia o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, exibindo uma negatividade de 0,9 entre fevereiro de 2014 e novembro de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte.

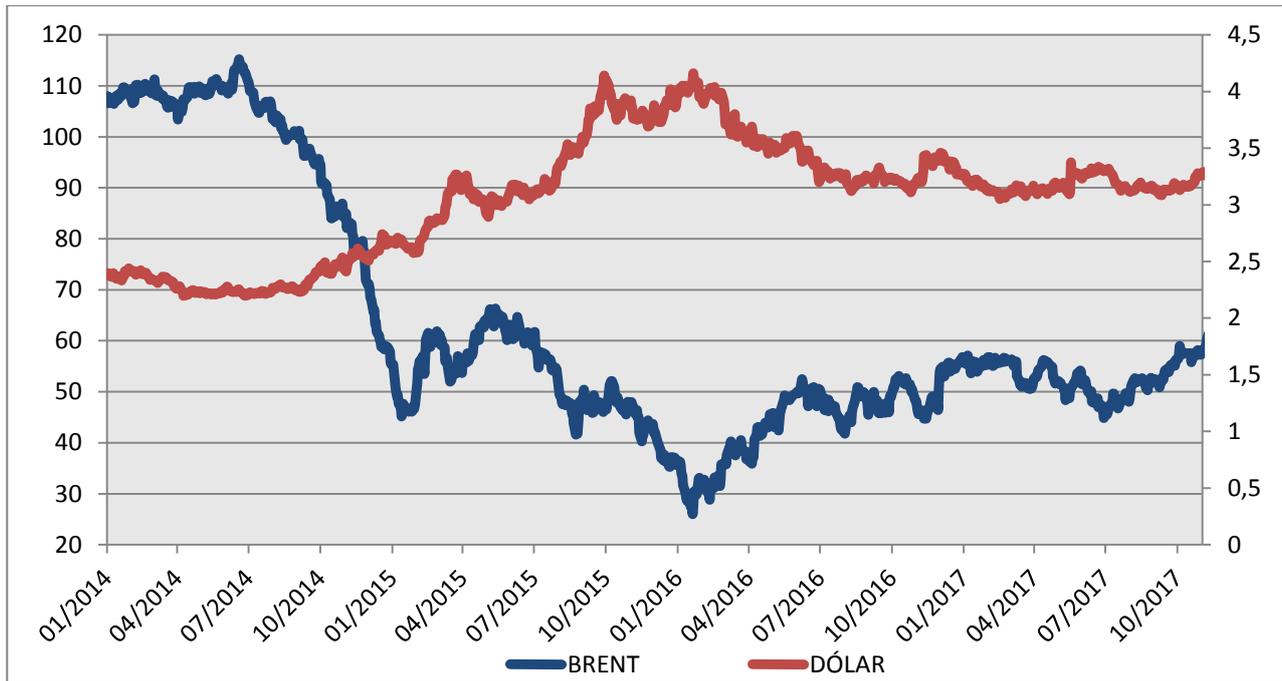
De acordo com o Boletim Focus, de 22 de dezembro de 2017, a expectativa para este ano é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,30. A média do câmbio no mês de novembro ficou em R\$ 3,21. Assim, o Banco Central estima uma desvalorização do Real ante ao Dólar, fato este que pode ser ainda associado a fatores internos, tal como as incertezas ligadas ao cenário político-econômico, onde os investidores tendem a diminuir seu apetite ao risco, buscando assim divisas mais seguras, como o Dólar.

Gráfico 1 – Preço do Brent



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do The Ice

Gráfico 2 – Brent X Dólar



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do The Ice e Bacen

3 - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,53 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016. Tal expectativa manteve-se inalterada em relação ao relatório do mês anterior. A estimativa da EIA, está em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento da demanda por petróleo neste ano, contudo esta presume um aumento de 1,39 (mb/d) ante ao ano anterior (houve uma elevação de 0,04 mb/d em relação ao relatório passado). Assim, ambas as agências estão de acordo quanto à expansão da demanda em 2017, fato este que tende a dar maior equilíbrio ao mercado, compensando o excesso de oferta global de petróleo, recuperando assim seu preço.

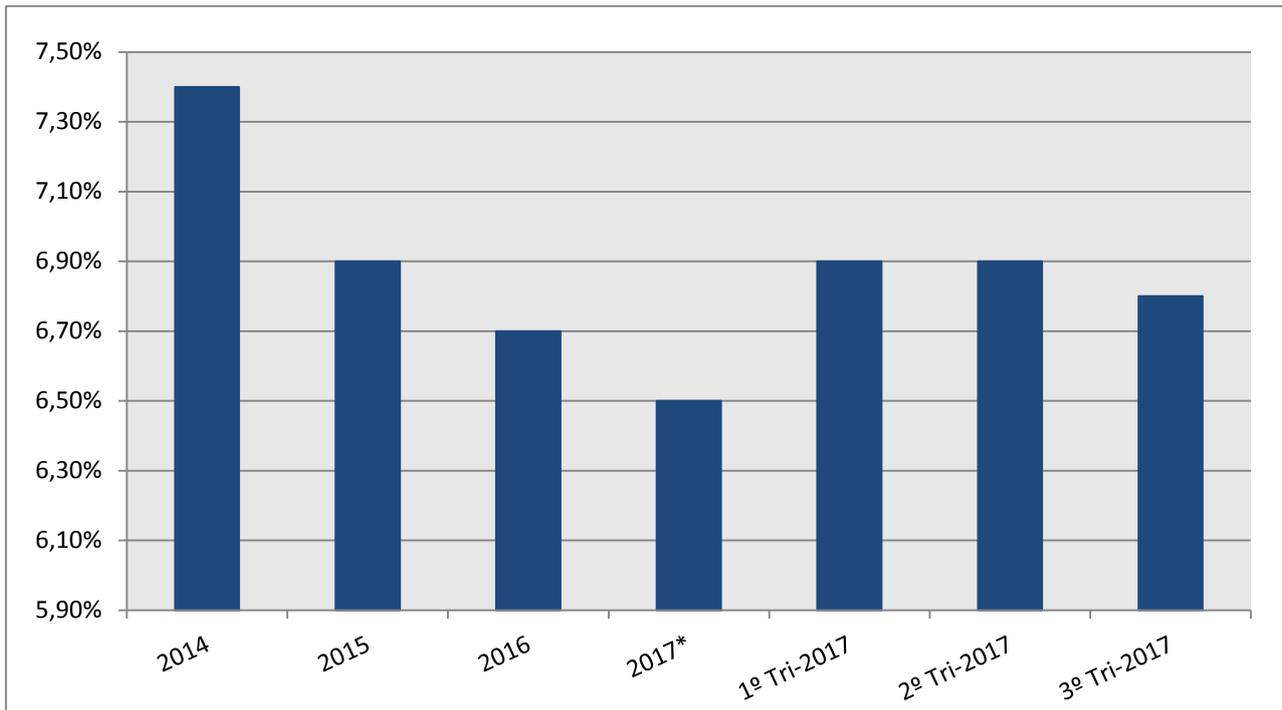
A OPEP e a EIA entram também em conformidade, no que concerne aos países que impulsionarão tal avanço. As duas instituições salientam que a região da Ásia tende a ter um papel fundamental pela procura de petróleo, pois grande parte desse crescimento será consumida pela Índia e China. Contudo, analisando individualmente cada país o maior demandante é os EUA, pois ele somente consome cerca de 20% do petróleo mundial.

A China é a segunda potência econômica mundial, sendo a maior exportadora de bens para o resto do mundo. Apesar da desaceleração, vista no gráfico 3, o crescimento chinês ainda é forte se comparado a maioria dos países. Sendo assim, seu consumo por petróleo se mantém crescente.

A Índia vem vivenciando nos últimos anos um período de expansão em sua economia, sendo necessário um maior consumo da *commodity*. Conforme exposto no gráfico 4, o PIB do país vem demonstrando um crescimento na faixa de 6% a.a., que apesar de apresentar também uma desaceleração em relação ao ano anterior, seu crescimento continua sendo vultoso.

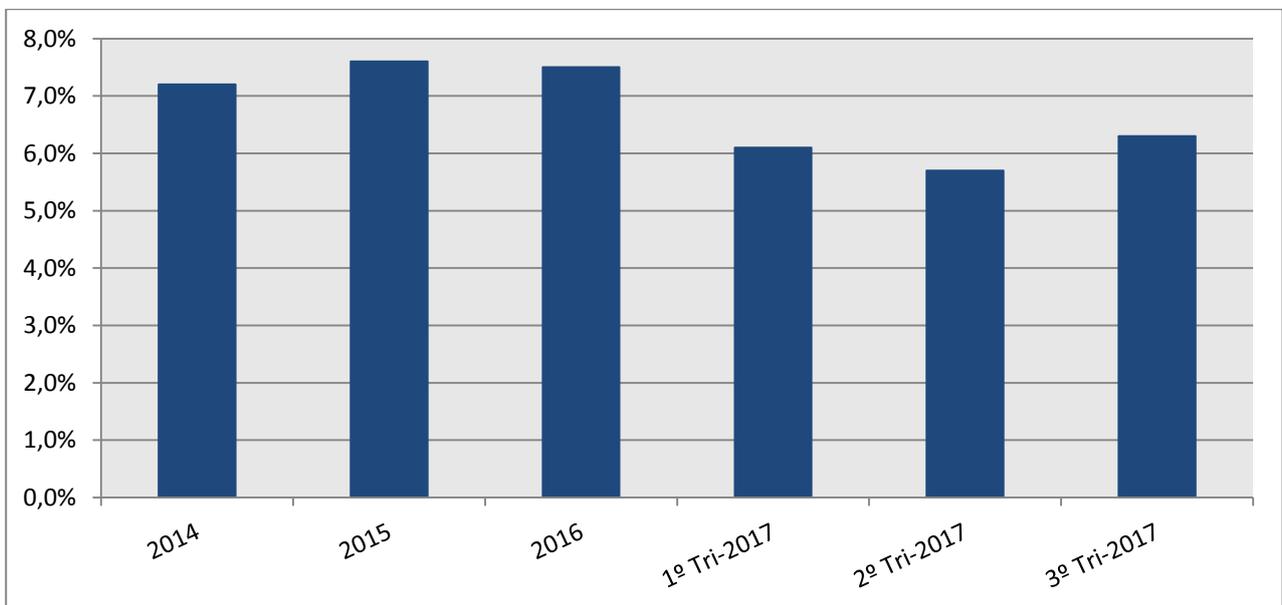
Assim, conclui-se que a demanda mundial será consumida, pela Ásia, sobretudo, Índia e China, e pelos EUA. Cabe destacar ainda que, juntamente, os três países consomem cerca de 36% da demanda mundial de petróleo, ou seja qualquer choque na economia destas nações tende a impactar fortemente a demanda mundial.

Gráfico 3 – Produto Interno Bruto (PIB) – China



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do Broadcast

Gráfico 4 – Produto Interno Bruto (PIB) – Índia



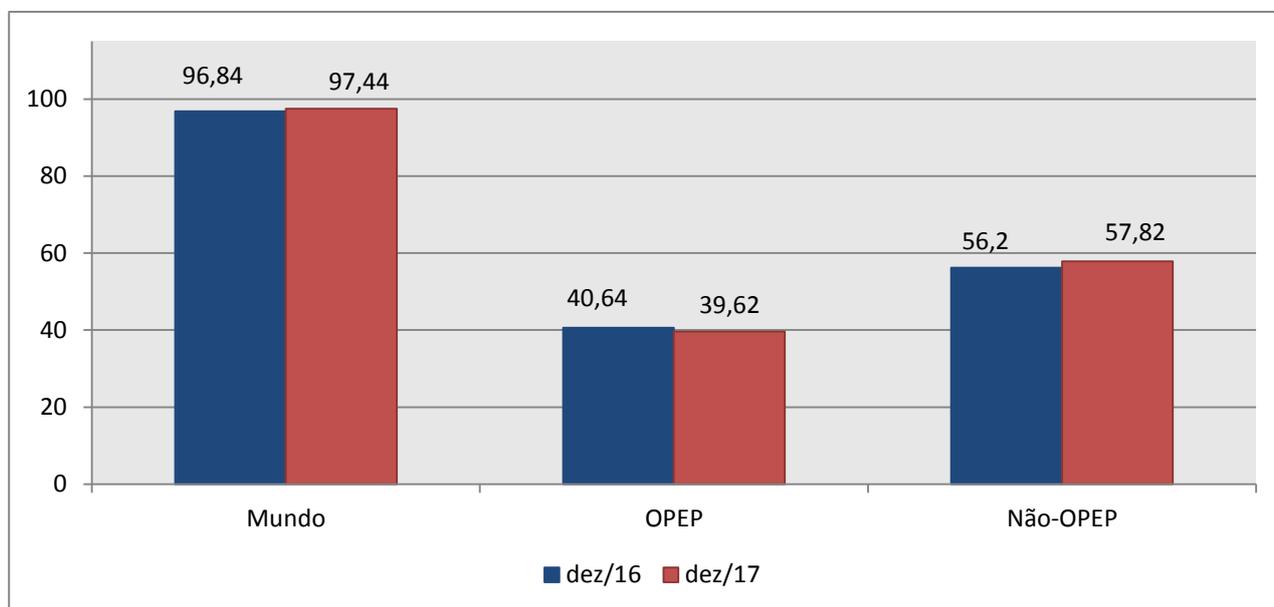
Fonte: Elaboração GOP com base em dados do Broadcast

4 – Oferta

4.1- Estimativa Relatório OPEP

Segundo a OPEP, a oferta mundial de petróleo em 2017 dar-se-á em cerca de 97,4 milhões de barris ao dia (Mb/d), valor este a maior em 0,6 Mb/d na comparação com o estimado em dezembro de 2016. Os países integrantes de seu bloco produzirão 39,62 Mb/d, caracterizando uma redução de 1,02 Mb/d em relação ao relatório de dezembro do ano passado. Já os países não pertencentes ao cartel terão uma participação de 57,82 Mb/d, configurando um acréscimo de 1,62 Mb/d, na comparação de igual período de 2016. O gráfico 5 ressalta tais afirmações.

Gráfico 5 – Estimativa Relatório OPEP

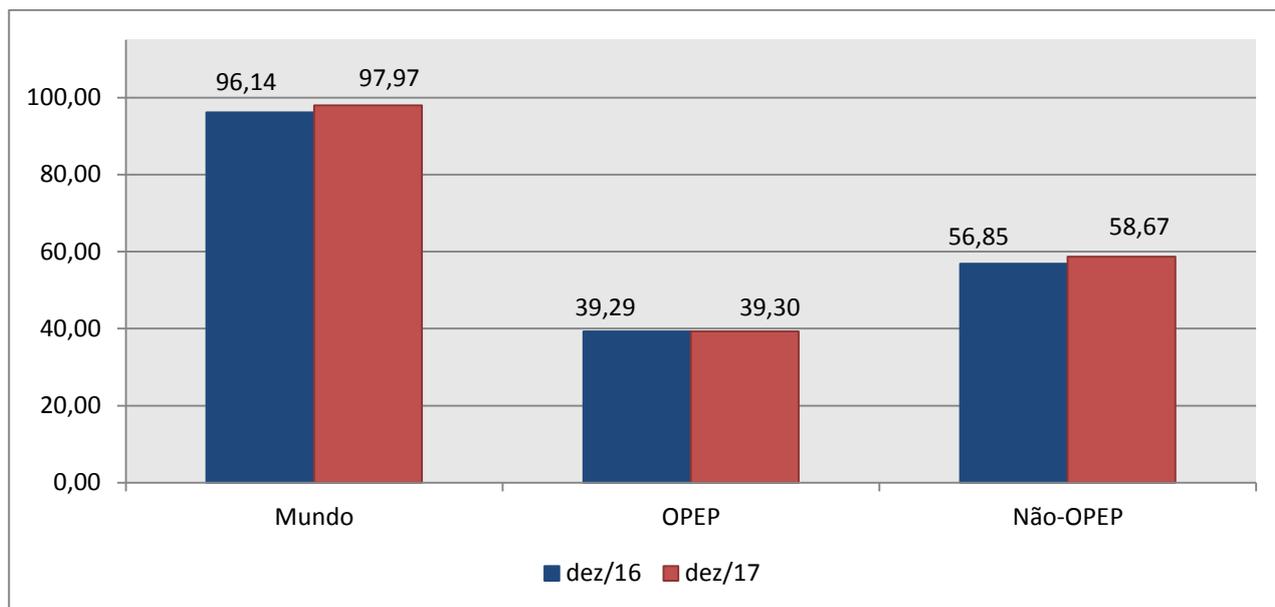


Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP/EIA

4.2- Estimativa Relatório EIA

De acordo com a EIA a produção global de petróleo encerrará o ano de 2017 em 97,97 Mb/d, número este superior em 1,83 Mb/d na comparação com o previsto em dezembro de 2016. Os países que compõem a OPEP contribuirão com 39,30 Mb/d do montante total, resultando um avanço de 0,01 Mb/d ante ao mencionado no relatório de dezembro do ano passado. Já os países não integrantes do bloco ofertarão 58,67 Mb/d, representando uma alta de 1,82 Mb/d na comparação de igual período de 2016. Tais afirmações podem ser vistas conforme disposição do gráfico 6.

Gráfico 6 – Estimativa EIA



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP/EIA

4.3- OPEP x EIA

Assim, fazendo um comparativo entre as perspectivas da OPEP e da EIA em relação à oferta para o encerramento do ano, pode-se dizer que:

- 1- Ambas as agências preveem que ocorrerá crescimento da oferta global neste ano, na comparação com o relatório de dezembro de 2016;
- 2- A OPEP estima recuo da oferta dos países que estão vinculados ao cartel, já a EIA prevê ténue aumento;
- 3- A OPEP presume avanço na oferta dos países não integrantes de seu bloco, bem como a estimativa da EIA.

Logo, tendo em vista o exposto acerca das projeções da demanda e oferta para o término de 2017, pode-se concluir que a OPEP e a EIA acreditam que haverá um crescimento tanto da demanda quanto da oferta global. Na concepção da OPEP haverá um crescimento maior da demanda ante a oferta, porém a EIA diverge de tal percepção, prevendo um avanço maior da oferta frente à demanda.

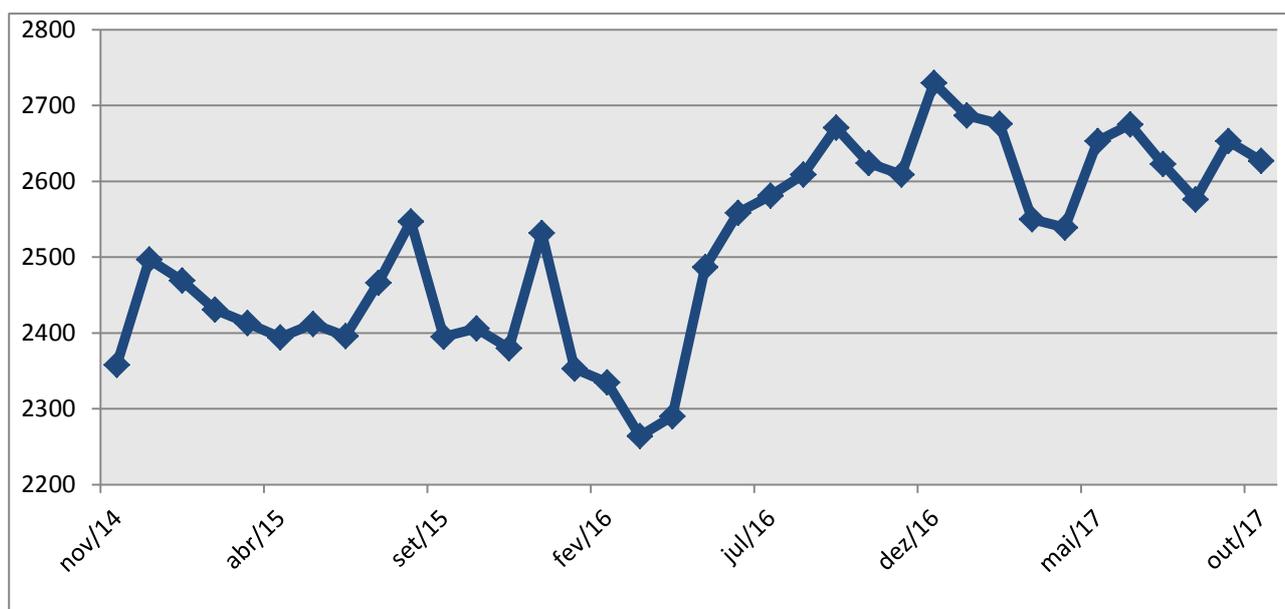
5 – Brasil

5.1- Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo do país no mês de outubro ocorreu em 8.054 poços, sendo 737 marítimos e 7.317 terrestres. Houve um recuo de 61 poços em atividade na comparação ao mês anterior. Os poços marítimos, mesmo apresentando um número quantitativamente inferior aos de origem terrestre, produziram em torno de 95% de petróleo do país, no mês em questão.

Segundo a ANP, a produção nacional em outubro registrou 2.627 milhões de barris de petróleo ao dia (Mb/d), configurando um recuo de 1% em relação ao mês de setembro. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do gráfico 7.

Gráfico 7 – Histórico de produção de petróleo



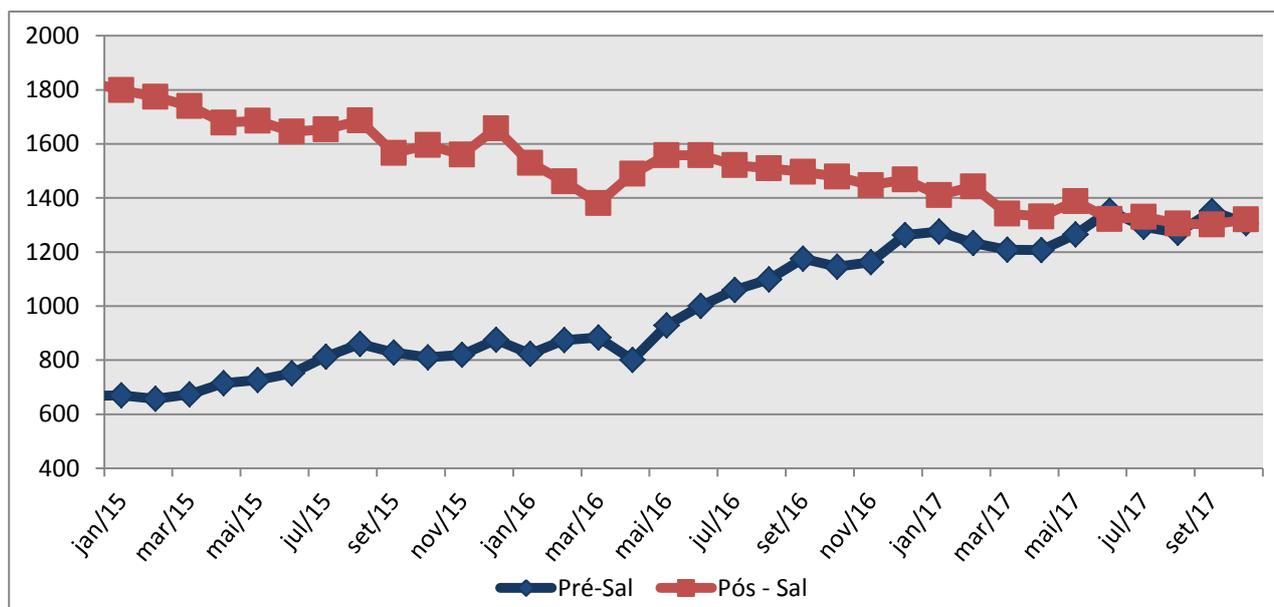
Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

5.2- Pré-Sal x Pós-Sal

No mês de outubro o pré-sal, registrou uma produção de 1.306 Mb/d. Tal produção é oriunda de 79 poços, o que representa aproximadamente 49% do total produzido no Brasil. Na comparação do período observado com o mês de setembro, a produção declinou cerca de 3,3%. Já o pós-sal registrou no mês em análise 1.321 Mb/d, o que equivale aproximadamente 51% da produção nacional. Este número reflete uma elevação de 1,5% comparada ao mês de setembro.

Desse modo, conforme verificado no gráfico 8 pode-se perceber que a curva relacionada à produção do pós-sal apresenta viés de queda, movimento este influenciado, em especial, pelo grau de maturidade atingido por seus campos. Já a curva relacionada ao pré-sal, vem registrando crescimento ao longo do ano, demonstrando níveis próximos à produção do pós-sal.

Gráfico 8 – Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



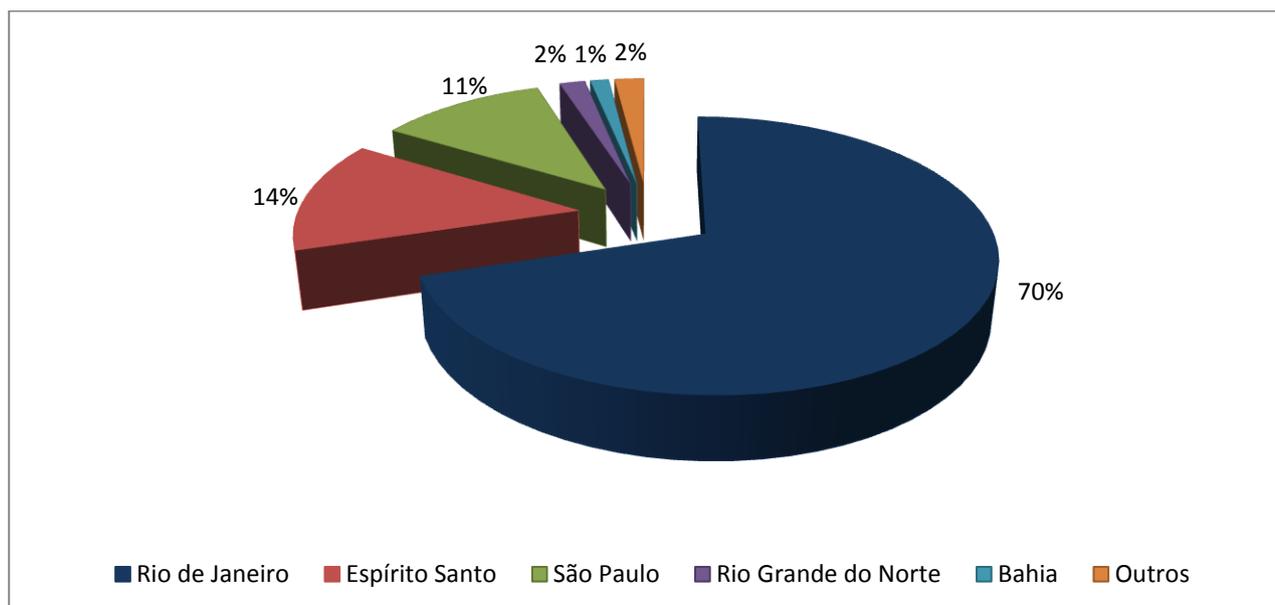
Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

5.3- Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo os maiores produtores Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia. De acordo com a ANP, o Rio de Janeiro possui maior notoriedade, pois ele, somente, foi responsável por 70% da produção nacional referente ao mês de outubro.

Faz-se perceptível a importância do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representam juntos apenas 40% da produção fluminense. Vale ressaltar ainda, que o Estado de São Paulo é detentor de apenas seis (6) poços em atividade, mas que apresenta elevado grau produtivo, conduzindo assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil. O gráfico 9 e a tabela 1 trazem tais disposições.

Gráfico 9 – Estados produtores



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

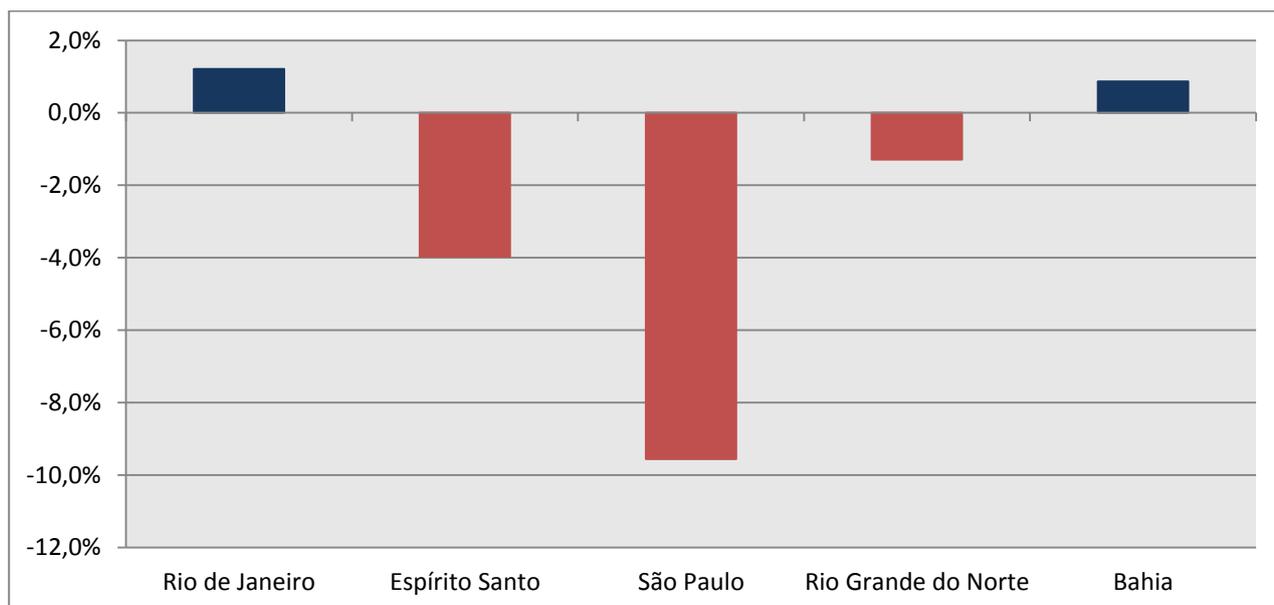
Quadro 1 – Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.845.070	44
Espírito Santo	355.941	49
São Paulo	297.059	5
Rio Grande do Norte	45.365	78
Bahia	32.633	80

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Em relação à produção, referente ao mês de outubro, dos estados mencionados pode-se verificar que o estado do RJ apresenta um avanço quanto a sua produção. Contudo, as quedas vistas tanto no Espírito Santo (4%) quanto em São Paulo (9,6%), como ilustrado no gráfico abaixo, influenciaram a direção negativa do montante total.

Gráfico 10 – Variação da Produção dos Principais Produtores Estaduais



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

5.4- Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo estão situadas em bacias sedimentares, sendo sua maioria em locais marítimos de águas profundas. Estas não se restringem apenas a uma localidade, podendo abranger dois ou mais estados. Hoje em dia a produção nacional é oriunda de doze (12) bacias, dentre as quais se destacam: Bacia de Campos - ES / RJ; Bacia de Santos - SP / RJ; Bacia Potiguar - RN; Bacia do Espírito Santo – ES/BA e Bacia do Recôncavo – BA.

A Bacia de Campos e a Bacia de Santos somaram no mês observado cerca de 93% da produção nacional, o que comprova a extrema concentração da capacidade produtiva do país nestas, como é trazido em destaque na tabela abaixo.

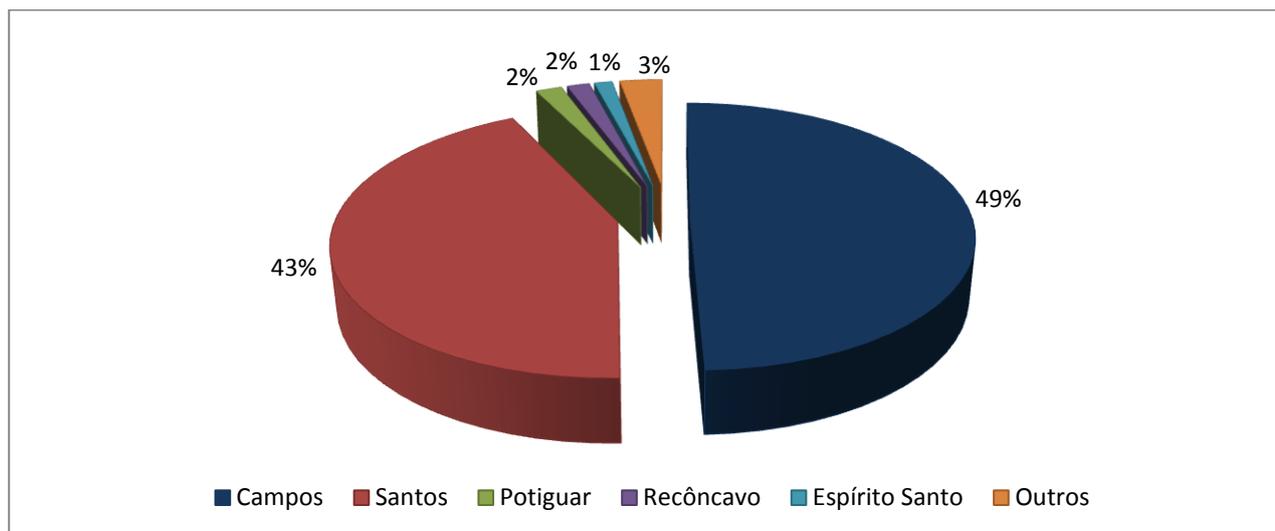
Quadro 2 – Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Campos	1.312.418	45	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	1.145.073	11	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	46.609	80	Rio Grande do Norte
Espírito Santo	40.579	42	Bahia
Recôncavo	32.208	75	Espírito Santo/Bahia

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

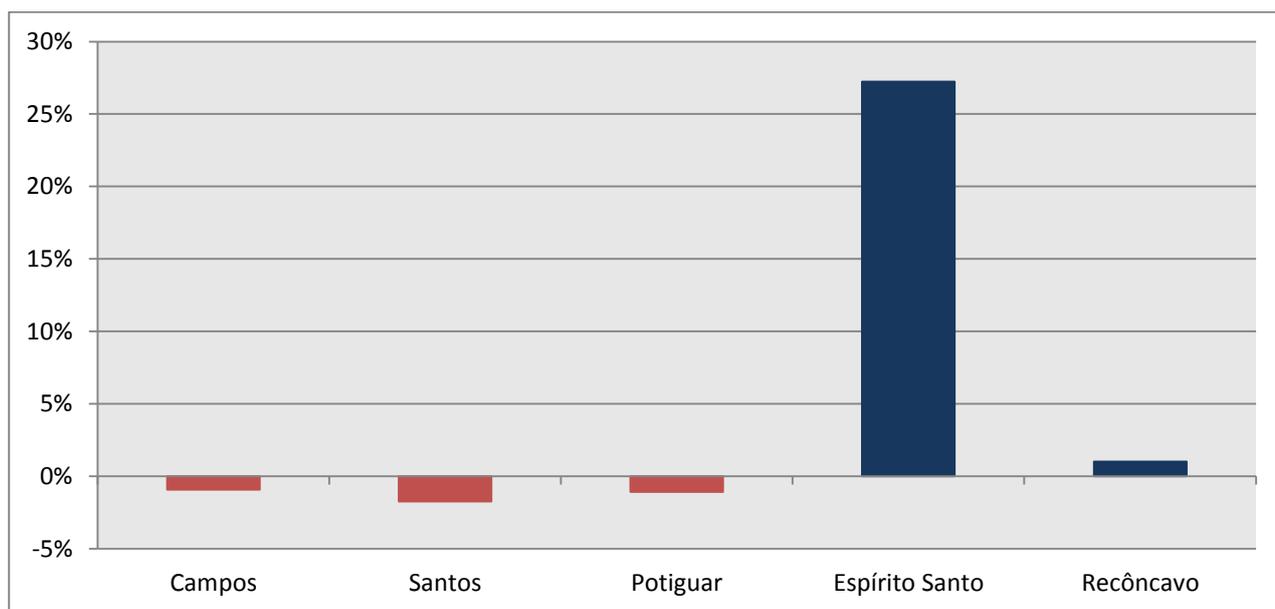
No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2.627 Mbbl/d (milhões de barris por dia) ao qual foi constatado um decréscimo frente a setembro. A ênfase no recuo da produção total do mês de outubro pode ser atribuída às duas maiores bacias: Campos e Santos. Estas, no mês em observância apontaram juntas uma variação negativa em torno de 3% na comparação com o mês anterior. Os gráficos 11 e 12 ilustram tal situação.

Gráfico 11 – Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Gráfico 12 – Variação de Produção das Principais Bacias



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

5.5 - Campos

No que concerne aos campos pode-se destacar os cinco maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Estes juntos somaram no mês de setembro cerca de 63% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos, como retratado na tabela 3.

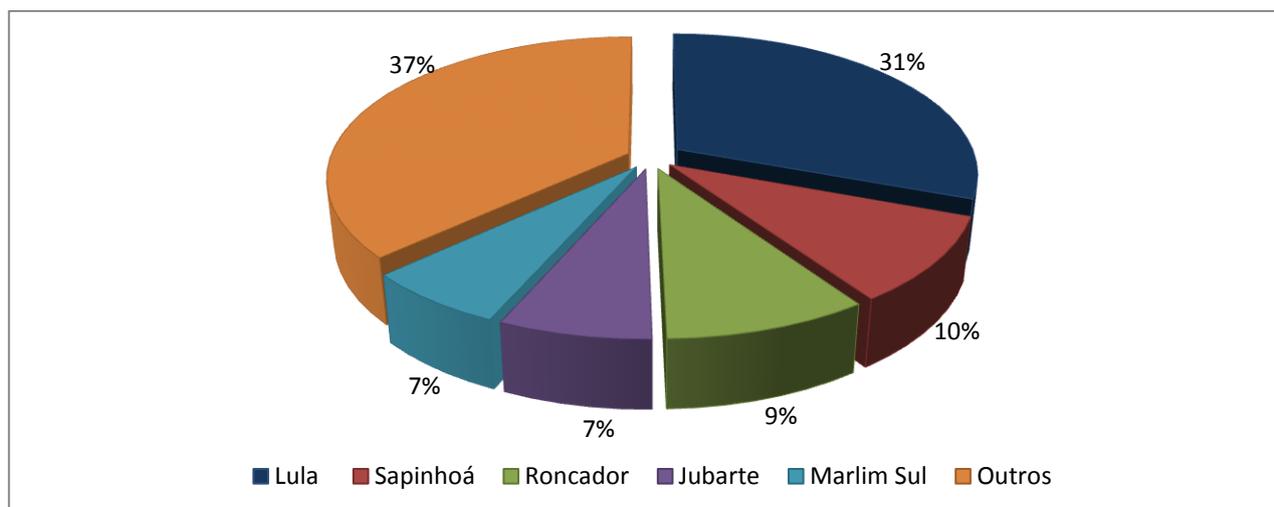
Quadro 3 – Distribuição da Produção por Campo

CAMPO	PRODUÇÃO (Mil barris)	LOCALIZAÇÃO
Lula	808	Santos
Sapinhoá	257	Santos
Roncador	244	Campos
Jubarte	182	Campos
Marlim Sul	172	Campos

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, possui maior destaque dentre os citados. A produção de petróleo de Lula, no mês em questão apontou uma produção de 808 Mbbl/d, configurando-se em um novo recorde. Cabe ressaltar ainda, que este, somente, representa no mês de outubro, aproximadamente 31% do resultado nacional, conforme ilustrado no gráfico abaixo.

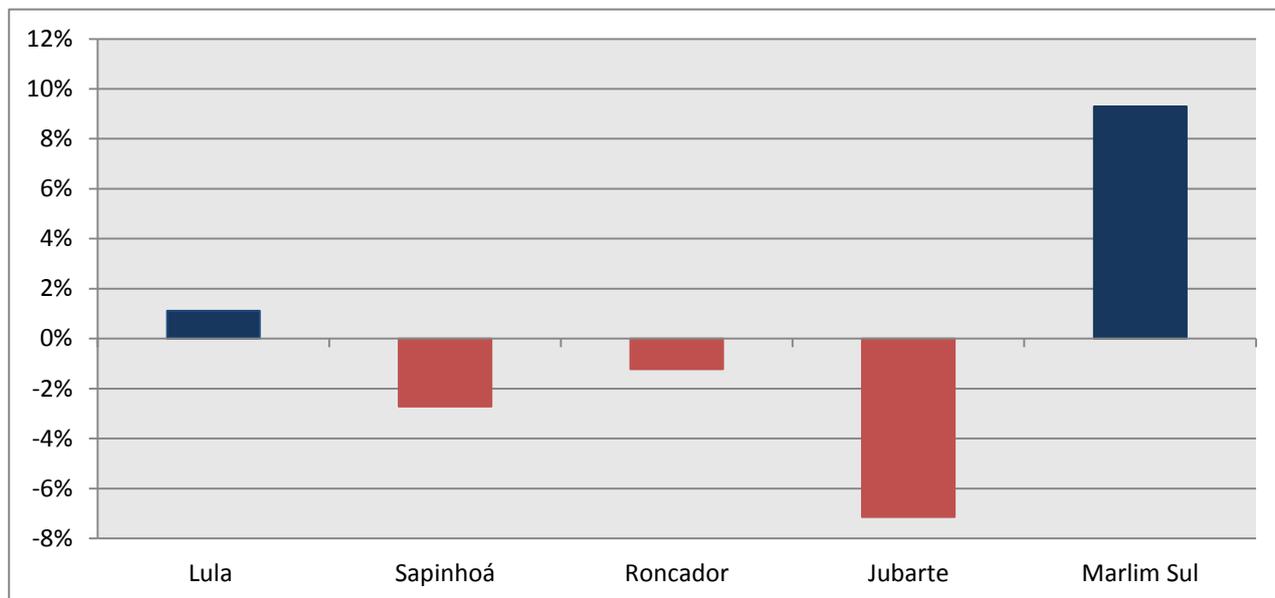
Gráfico 13 – Produção de Petróleo por Campo



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Todavia, é válido enfatizar que o decréscimo, em especial, dos campos de Sapinhoá e Jubarte mitigaram os ganhos dos outros campos, induziram assim, a queda da produção nacional. Tal ratificação pode ser vista, nos gráfico 14.

Gráfico 14 – Variação de produção dos principais Campos



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Dessa forma, pode-se concluir que o recuo da produção nacional, vistos no item 5.1, deu-se pela queda da produção do Pré-Sal, oriunda, em especial, dos Estados do ES e SP. Este declínio foi influenciado pelo decréscimo de produção das Bacias de Campos e Santos, estas sendo, sobretudo, motivada pelas perdas advindos dos campos Jubarte e Sapinhoá.